

Nota sobre o Cristo Universal

Cristo Universal, para mim, significa o Cristo centro orgânico do universo inteiro:

— *centro orgânico*, isto é, do qual depende fisicamente, de forma definitiva, todo desenvolvimento, mesmo natural;

— *do universo inteiro*, isto é, não só da Terra e da Humanidade, mas também de Sirius, de Andrômeda, dos Anjos e de todas as Realidades das quais dependemos fisicamente, próxima ou remotamente (ou seja, provavelmente de todo o Ser participado);

— *do universo inteiro*, ainda, isto é, não só do esforço moral e religioso, mas igualmente de tudo aquilo que este esforço supõe, a saber, de todo crescimento do corpo e do espírito.

Este Cristo Universal é aquele que os Evangelhos nos apresentam, especialmente São Paulo e São João. É aquele, portanto, de quem viveram os grandes místicos. Nem sempre, aliás, foi aquele que mais ocupou a atenção da Teologia.

O objetivo desta nota é lembrar a meus amigos, mais peritos que eu na Ciência sagrada e mais bem situados que eu para agirem sobre os espíritos, a necessidade vital em que nos achamos atualmente de explicitar esta noção tão católica de Cristo α e ω .¹

(A) Em primeiro lugar, como já expus noutro contexto, a história atual do sentimento religioso entre os homens,

¹ Alfa o ômega (N.E.).

sejam eles quais forem, parece-me dominada por uma espécie de revelação que se vai efetuando, na consciência humana, do Universo uno e grande.

Na presença da Imensidade concreta que se desvenda assim à nossa geração, uns (incrédulos) se afastam a priori de Cristo, porque muitas vezes lhes apresentamos uma imagem de Cristo notoriamente menor que o Mundo. Outros (muitos crentes), melhor instruídos, sentem-se no entanto, em seu íntimo, envolvidos numa luta de morte. *Quem será o maior diante deles*, e portanto, adorável: Cristo ou o Universo? Este cresce, sem cessar, desmesuradamente. Urge absolutamente que Aquele seja colocado oficialmente, explicitamente, acima de qualquer medida.

Para que uns comecem, para que os outros continuem a crer, é mister que levantemos diante dos Homens a Imagem do Cristo Universal.

(B) Essa necessidade do Cristo Universal poderá parecer, para alguns, injustificada, artificial. Eles porém não sentem assim.

A estes eu responderia de bom grado: — Tanto pior para vocês.

Mas posso acrescentar: Independentemente de toda aspiração subjetiva, o Cristo Universal se impõe *mesmo a vocês*. Ele é com efeito a única Realidade capaz, hoje, de equilibrar o Dogma *in se*. Acumulamos (e desde o início, felizmente) sobre Cristo os atributos de Mediação universal: «*Omnia in ipso, per ipsum...*» Já observamos que esses atributos se tornam, para nossa Filosofia e nossa Teologia clássicas, singularmente pesados de levar, à medida que o Universo se vai revelando mais imenso em seus determinismos, seu passado e sua extensão? Um certo Cristo de escola, de dimensões reduzidas, desintegra-se sob este afluxo contínuo de ser revelado pela Ciência. Mas, por outro lado, o grande Cristo da Tradição e da Mística vai se descobrindo e se impondo. É a este último que nos devemos dirigir.

(C) Estudar o Cristo Universal não é, portanto, apenas apresentar ao Mundo (crente e não-crente) uma Imagem mais atraente. É submeter a Teologia (dogmática, mística, moral) a uma imprescindível refusão. Ora, essa refusão será efetuada *automaticamente*, de maneira vital e suave,

*exercite*², pelo simples fato de que o pensamento cristão procurará destacar os traços do Cristo Universal tal como ele sempre o adorou, mas sem compreender de forma bastante explícita qual era o imenso valor desse atributo. Com efeito:

1º Para que Cristo seja *deveras universal* é mister que a Redenção, e portanto a Queda, se estenda a todo o Universo. O pecado original assume, por conseguinte, uma *natureza cósmica* que sempre foi reconhecida pela Tradição, mas que, dadas as novas dimensões que conhecemos do Universo, nos obriga a reformar profundamente a representação histórica e o modo de contágio (demasiado puramente jurídico) que lhe atribuímos comumente.

2º Para que o Universo possa ter sido afetado em bloco por um acidente ocorrido em algumas almas, é mister que sua *coesão*, «*in unitate materiae et in unitate spiritus*», seja infinitamente maior que a vulgarmente concebida. O Mundo, para satisfazer aos dados dogmáticos, não pode ser mais um aglomerado de coisas justapostas: é preciso reconhecê-lo como um grande Todo, ligado, e evoluindo organicamente. — Toda a Metafísica do Uno e do Múltiplo deve ser retomada pelos teóricos do Cristianismo, se quisermos que nossa Filosofia esteja à altura das exigências de nossa Teologia.

3º Se Cristo é universal (isto é, consuma-se pouco a pouco a partir de toda criatura), segue-se que seu Reino ultrapassa essencialmente o domínio da vida chamada estritamente sobrenatural. Não só por um revestimento (acrescentado) de intenção, de fidelidade e obediência, mas pelo próprio *material* de suas obras, a ação humana pode referir-se a Cristo, concorrer para o acabamento de Cristo. Todo progresso, quer na vida orgânica, quer no conhecimento científico, quer ainda nas faculdades estéticas ou na consciência social, é portanto cristianizável até no seu objeto (pois todo progresso, *in se*, integra-se organicamente no espírito, o qual depende de Cristo). Esta concepção muito simples derruba de uma vez a barreira funesta que *subsiste apesar de tudo*, em nossas atuais teorias, entre o Esforço

² *Exercite*: sem interrupção, incessantemente (N.E.).

cristão e o Esforço humano. Como o Esforço humano se vai tornando divinizável *in opere*³ (e não só *in operatione*), o Mundo para o cristão se torna inteiramente divino. — Com isto a Ascese e a Mística se acham inteiramente renovadas.

4º Para que todo esse trabalho, finalmente, do acabamento de Cristo tenha um sentido, compense o esforço que custa a Deus, é preciso que o misterioso *Composto* formado por Cristo e o Universo (pelo Universo centrado em Cristo) tenha um preço específico, excepcional. A adoração do Cristo Universal há de orientar o pensamento cristão para esta questão tão importante, muitas vezes tão facilmente escamoteada, do valor das almas *in se*, isto é, do valor do Mundo, ou seja, em suma, do porquê da Criação. Seria hora, numa época em que o pensamento humano tende a reconhecer o Cosmos como um Todo *per se*, de refletir um pouco nas relações que unem este Todo e Deus. Logo se diria: criação por amor, glória externa. Não haveria mais alguma outra coisa depositada na Revelação?

Abordar a questão do Cristo Universal é, finalmente, vemo-lo, levar a reflexão, a oração, o progresso, ao centro natural de todo o pensamento cristão, ao ponto-chave da vida da Igreja presente.

Depois de termos compreendido este ponto, se compararmos os desenvolvimentos dados respectivamente pela Tradição ao «*κεχαριτωμένη*»⁴ da saudação angélica, por exemplo, e à teoria do Cristo Universal, tal como exposta por São Paulo ao longo de capítulos inteiros, ficamos impressionados: ali, saindo de um pequeno rebento lateral, um galho amplamente desenvolvido; aqui, o próprio tronco da árvore cristã, repleta de seiva, e no entanto quase imutável desde o primeiro século da Igreja.

Como explicar uma diferença tão profunda?

Respondo: pelo próprio jogo, inicialmente, do desenvolvimento do pensamento humano. Para amar apaixonadamente a Nossa Senhora, bastava aos cristãos se tornarem mais plenamente delicados, sensíveis, humanos. Tal estágio

³ O valor de minha ação não é somente medido pela pureza de minha intenção, mas pela retidão objetiva de seu termo: "Aquele que age na verdade aproxima-se da luz" (Jo 3,21). Reconhece-se um dos temas principais do *Milieu divin* (N.E.).

⁴ *Kexaritomene*: cheia de graça (N.E.).

foi alcançado desde a Idade Média. Para amar apaixonadamente o grande Universo, e sentir a imperiosa necessidade de revestir com ele a Cristo, era preciso que os homens fizessem um esforço prolongado de observação, de reflexão, de tomada de posse de si mesmos. Somente há pouco tempo é que essas preocupações de ordem nova começam a nos solicitar explicitamente, hoje.

Existe um outro motivo, penso eu, menos profundo mas mais imediato, da imobilidade em que se fixou, desde São Paulo, a noção do Cristo Universal: é o abuso, em filosofia, das relações lógicas, morais, jurídicas. É mais simples, mais seguro (*tutius*), mais econômico (foi o próprio Nosso Senhor que deu o exemplo) exprimir as relações entre Deus e o homem sob forma de relações familiares ou sociais. Essas analogias são verdadeiras, pois a união em Cristo se realiza entre pessoas. São no entanto incompletas. Para ficarmos na verdade, temos de corrigilas por analogias tomadas das realidades propriamente *naturais, físicas*. A amizade e a adoção divinas são expressões que abrangem uma adaptação, uma transformação, uma refusão, orgânicas, irremediáveis, do Universo. Uma vontade livre de Deus é uma especial acomodação de todos os determinismos do Cosmo. Enquanto permanecemos no domínio fácil das relações jurídicas e morais, a realeza universal de Cristo não apresenta muitas dificuldades para a explicação da teologia infantil de certos teólogos.⁵ — Mas, quando nos colocamos, ao contrário, do ponto de vista do «orgânico», então a dignidade central de Cristo se manifesta como Realidade imensa, absorvente — que modifica e reforma toda crença, toda prática e todo sistema a seu serviço.

Foi por esse motivo — creio eu — por não terem um pensamento bastante dominado por este princípio do *primado orgânico sobre o jurídico*, que os teólogos puderam, durante tanto tempo, permanecer insensíveis ao mistério fundamental do Cristo Universal.

Hoje, a consciência «popular», humana e cristã, encarrega-se de lembrar aos mestres de Israel que em momento algum dos séculos teremos o direito de cruzar os braços,

⁵ Basta, com efeito, considerá-la como *destinação extrínseca* do Mundo a Jesus («destinação» análoga a nosso «direito de propriedade», por exemplo).

definitivamente, sobre uma doutrina, por mais cômoda que seja. «Queremos o Uno, o orgânico, pois assim é que o Cristo aparece no fundo de nosso coração». Assim falam muitas almas nestes últimos tempos.

Não teria chegado o momento de o tronco da árvore, ainda adormecido, reiniciar seu crescimento? Sem exagero, não se está abrindo para a Igreja um ciclo novo, ciclo maravilhosamente adaptado à idade presente da humanidade: o ciclo do Cristo adorado através do Universo?

Aqueles que crêem ouvir o Senhor se aproximando vigiem, desejem e trabalhem.*

* Paris, janeiro de 1920.